

"Achas que posso ter um namorado?"

Mutilação genital. Registados 40 casos em 2014 e mais três este ano. São mulheres adultas e dizem ter sido submetidas a esta prática em crianças nos países de origem, sobretudo na Guiné-Bissau. Portugal é um país de risco para a OMS

CÉU NEVES

Aissato Djaló tem 38 anos e é da Guiné-Bissau. Devia ter 6 ou 7 anos quando foi de férias com a mãe, a avó e a duas primas para o Senegal, onde tem família. Acabavam de chegar quando duas mulheres bateram à porta e se reuniram com as adultas. Pediram às meninas para tirar as roupas. Aissato não percebeu o que se passava, mas os gritos da prima fizeram-na entrar em desespero. "Chorava e gritava 'não quero', a minha mãe também chorava." Não conseguiu impedir o corte nos órgãos genitais. Só muito tarde percebeu o que acontecera naquele dia, já vivia em Portugal. Tornou-se uma voz contra a mutilação genital feminina (MGF) e para explicar que tal prática só faz sofrer. Percebeu bem o significado da pergunta de uma jovem: "Achas que posso ter um namorado?"

"Acho. O que importa é que levantes a cabeça. Também me aconteceu a mim, aconteceu, nada podemos fazer, mas eu não vou deixar que o façam à minha filha e a outras familiares." Respondeu Aissato à rapariga que lhe fez a pergunta, que teria 14 ou 15 anos, introvertida, e que só lhe fez a pergunta pessoalmente, a medo.

Foi na Baixa da Banheira, na Moita, numa sessão promovida pelo Movimento Musqueba de Mulheres Africanas, uma associação que nasceu em 2012 para lutar contra a MGF e os casamentos forçados. Muitas são as dúvidas apresentadas e que as faz concluir que esta prática é corrente entre as comunidades imigrantes, sobretudo as guineenses, mas também de Angola e de Moçambique.

A Organização Mundial da Saúde considera Portugal um país de risco por acolher cidadãos que praticam a MGF. Segundo a UNICEF, tal prática afeta 50% da população feminina da Guiné-Bissau. Está a ser concluído o primeiro estudo de

prevalência sobre MGF no país. Segundo a assessoria da secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, "as primeiras conclusões apontam para a confirmação das estimativas com base no cálculo entre a taxa de prevalência nos países de origem praticantes de mutilação e a dimensão das respetivas comunidades residentes em Portugal".

Hoje é Dia Internacional da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina e Teresa Morais fará a atualização dos números desde que constam da Plataforma dos Dados, numa ação à tarde, no Hospital São Francisco Xavier, no Restelo. Registaram 40 casos em 2014 e mais três casos já em 2015. "Nenhum é recente e foi realizado em Portugal, reportam-se a mulheres adultas que foram vítimas na infância nos países de origem", esclarece a sua assessora de imprensa.

Em rede contra a MGF

Aissato Djaló explica às imigrantes, muitas vezes acompanhada da tia e de outras guineenses mais velhas, que a MGF é crime tanto em Portugal como na Guiné-Bissau, que podem denunciar as fanateiras, as mulheres que fazem o fanado. Este é um ritual de iniciação das meninas muçulmanas para a vida adulta, em que uma das partes é o corte dos órgãos genitais, para tornar a jovem "pura". Acrescenta que o que o Alcorão (o livro sagrado dos muçulmanos) não defende este rito. Aconselha: "Por mais que gostes de um rapaz não te submetas à isso. Se tens medo de denunciar à polícia, fala com um professor, com quem te sintas à vontade."

Lembra-se sempre do seu caso nesses dias. "Foi um corte, há quem diga que depende das etnias e que na minha, a fula, costuma ser mais doloroso, mas acredito que houve algum cuidado comigo." O corte vai desde a remoção do clitoris e do prepúcio clitoriano até aos grandes e pequenos lábios da vagina.

Quatro mulheres, entre as quais a mãe e a avó, deitaram-na no chão, seguraram-lhe nas pernas e nos braços. Começaram com uma cerimónia e as mulheres desconhecidas fizeram-lhe o corte, que foi cicatrizado à base de ervas. Doía-lhe sempre que urinava. Foi no Senegal, mas Aissato acredita que há fanateiras em Portugal, mas a comunidade não as denuncia. A denúncia na Guiné-Bissau é compensada financeiramente.



Dia da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina

HOMENAGEM Aissato Djaló foi submetida à mutilação genital feminina tinha 6 ou 7 anos. Decidiu dar a cara, apesar de algumas críticas da comunidade. Mas também recebeu elogios e homenagens à sua coragem, como o mural no Largo do Intendente. Aissato Djaló é fula e

muçulmana e a MGF é um ritual da sua etnia. Prática combinada entre mulheres, às vezes contra a vontade dos maridos. O pai de Aissato vivia em Lisboa. "Não importa a etnia, a dor é a mesma, não se apaga. Pode não se falar, mas a memória está lá."

Diana Lopes, 28 anos, jurista, é dirigente da Musqueba e coordenadora juvenil do projeto europeu Create Youth Net, representado pela Associação para o Planeamento da Família, faz parte do projeto Em Rede contra a MGF. É guineense, mas da etnia manjak e educada na religião católica, razão

pela qual não foi submetida. "Não me vejo como manjak, mas como guineense, aliás a MGF é um problema global. O nosso objetivo é dar ferramentas e capacitar os jovens para sensibilizar outros jovens contra esta prática."

Aissato veio para Portugal com 11 anos e é administrativa na Fa-

culdade de Ciências Médicas. É mãe de um menino e de uma menina, que já levou à Guiné-Bissau. Houve quem lhe perguntasse se não teve medo de que as familiares mais velhas fizessem o fanado à filha, às suas escondidas. Respondeu: "Avissei que se o fizessem, eu seria a primeira a ir à polícia."

43

> casos registados desde março

Em menos de um ano, a Plataforma dos Dados de Saúde identificou 43 mulheres que tinham sido submetidas à mutilação genital feminina na infância. Dizem que foi nos países de origem, mas quem trabalha nesta área acredita que o fanado também se faz em Portugal.